

## ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA JUVENIL

Nilza Teresinha Pereira\*

### Dos motivos introdutórios

Desafiada a realizar uma prática pedagógica, na disciplina de Estágio Supervisionado em História do Ensino Médio, que contemplasse a cultura juvenil como aliada no ensino da História, desenvolvi, junto com dois colegas, o projeto Ensinando História através da Cultura Juvenil, numa tentativa de aproximar o “mundo da escola” com o “mundo dos jovens” para tentar tornar mais prazeroso e mais significativo o estudo da História.

A escolha da escola foi, de início, motivo de satisfação, pois professoras e direção foram receptivas ao projeto, mostrando que, mesmo numa estrutura tradicional, há uma aposta na mudança. Quanto aos alunos, parece que eles estão esperando pelos desafios que os fazem sair do lugar-comum.

Assim, este projeto surgiu de uma provocação e também de uma inquietude como profissional, que não estava conformada com o rumo das práticas realizados no ensino de História e a situação apontada pelos números que compõe um quadro não muito otimista

---

\*Graduada no curso de Licenciatura em História da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS/RS. Professora orientadora: Carmem Zeli Vargas Gil de Souza

em relação à identidade do Ensino Médio.

Segundo dados do IBGE, entre 1995 e 2001, o percentual de estudantes de 15 a 24 anos frequentando o Ensino Médio cresceu 65,1% (ou três milhões de pessoas em números absolutos). O Censo Demográfico de 2000 indicava que, do total da população jovem de 15 a 24 anos, mais de 18 milhões (cerca de 57%) ainda estavam fora da escola.

Baseado nestes dados e na fala dos jovens que frequentam o Ensino Médio em escolas estaduais, com os quais tive contato, existe uma enorme distância entre a escola que temos e a escola que queremos. A escola ainda é formatadora de idéias e de corpos, não permitindo que os jovens possam exprimir seus desejos ou negando a riqueza de suas experiências adquiridas fora do contexto escolar.

Quanto à relação professor/aluno, fica muito evidente nas falas dos jovens que estes valorizam aquele professor que tem bom domínio do conteúdo, que é autoridade e não autoritário, que é amigo, sem ser o bonzinho e que possibilite o acesso ao conhecimento formal de forma prazerosa e eficiente. Em outras palavras, os nossos jovens querem uma definição de papéis, ainda confiam muito no professor como meio de acesso ao conhecimento e esperam muito da escola. E a escola permanece caminhando muito lentamente para o futuro que já vem nos atropelando faz muito tempo.

Por fim, chego ao ensino de História. E aí é que as coisas parecem ir de mal a pior, pois os professores desta disciplina têm deixado muitos a desejar, segundo colocações dos alunos do Ensino Médio. Ou porque não conseguem cativar seus alunos com a beleza de verem-se como sujeito da História, ou porque têm trabalhado linearmente os conteúdos, estabelecendo poucas relações passado/presente, exigindo poucas reflexões.

Os jovens consideram a História “massante”, mas é interessante perceber que estes jovens contradizem-se quando colocam que não gostam de ler textos, porque são “chatos” e que é nesta aula que eles sentem sono ou vontade de “matar” a aula. Ao mesmo tempo, dizem que conhecem determinados assuntos da História ou da Literatura porque estudaram por conta própria quando sentiram necessidade, em atividades extra-classe como teatro, a música, a dança. Na escola, os jovens com os quais trabalhei, reclamam da ausência de trabalhos de pesquisas, cooperativos e desafiadores. Mas, ainda é possível constatar claramente, nas suas falas, que o professor pode fazer a diferença, pois é ele quem tem feito os alunos gostarem mais, ou menos, de estudar a História.

No planejamento da prática pedagógica procurei, então, aproximar expressões da cultura juvenil, como o Hip-Hop (Grafite, Break, RAP, DJ) e o Rock, como movimentos da cultura dos anos 60 e que ainda hoje permanecem como expressões da cultura juvenil, entre outras. Temas da História como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e a Guerra do

Vietnã, foram trabalhados, estabelecendo-se, assim, uma relação entre os movimentos de cultura juvenil e o contexto histórico.

Os alunos demonstraram grande interesse pela palestra sobre os movimentos musicais surgidos nos anos 50 e 60; analisaram a obra *Guernica*, de Pablo Picasso, para compreender o significado da Guerra Civil Espanhola, através da arte; leram o discurso de Martin Lutherking, *I have a dream*, para compreender porque ele lutava pela justiça racial; relacionaram uma letra de música (rap) atual, com o discurso de Lutherking feito na década de 60 e puderam constatar que o discurso dos rappers ainda é o mesmo, ou seja, a luta pela democracia racial ainda não acabou; e ainda, puderam constatar, através da análise de imagens, que há uma grande diferença entre grafite e pichação. Também foram utilizados fanzines, uma forma de imprensa alternativa, produzidos para abordar diversos temas, que permite manifestações próprias daquele que os produz, para trabalhar o Nazismo e o Holocausto.

Todas estas alternativas de trabalho se mostraram bastante eficazes, no sentido de despertar o prazer pelo estudo dos conteúdos de História.

### **Reflexões teóricas**

Se os jovens fazem parte de uma sociedade em movimento, onde as informações são processadas em grande velocidade, porque a escola parou no tempo? Por que o conhecimento tem avançado e escola continua a fazer as mesmices? O que tem emperrado o ensino de História? O que é preciso para que os professores se conscientizem de que o poder que têm nas mãos é imenso e que eles podem ser os agentes de transformação desta História? O que tem feito a escola para ajudar os jovens a construir sentido de vida? Não serão a indisciplina ou a alienação uma forma de dizer chega, não agüentamos mais?

O mundo está em permanente transformação e a escola precisa entrar neste labirinto com saída. Lulu Santos, na música *Como uma Onda*, diz “nada do que foi será igual ao que a gente viu a um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo”. Com este propósito é que eu procurei realizar o planejamento deste projeto.

O jovem faz parte de uma sociedade em movimento, onde as informações são processadas em grande velocidade; elas são rápidas e ágeis. O conhecimento, porém, é algo mais permanente, que deve ser construído de forma mais consistente, mas sem esquecer que ele está inserido neste mundo em constante transformação. E, a escola tem oferecido muito pouco a esses jovens que têm sede de viver intensamente as transformações.

A reação desses alunos são aquelas que estamos cansados de ouvir: que eles são alienados ou então, rebeldes. E nós nos perguntamos, por quê? Carrano (2000, p.16) coloca:

“aquilo que consideramos apatia ou desinteresse do jovem não seria um desvio de interesse para outros contextos educativos que poderíamos explorar, desde que nos dispuséssemos ao diálogo?”

A questão é que existe um grande abismo entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens”. O “mundo da escola” é o mundo da mesmice, da rotina, da obrigatoriedade de “aprender conteúdos” para passar no vestibular, para passar nas provas, para passar de ano, para fazer concurso, para ter um diploma. E, apesar de tudo, a escola continua “ensinando”, ou seja, despejando conteúdos muito interessantes de forma muito desinteressante; tratando pessoas heterogêneas de forma homogênea. A escola pretende, assim, dar a mesma formação para pessoas de múltiplas identidades, como se todos construíssem o conhecimento da mesma forma, tivessem os mesmos objetivos, compartilhassem as mesmas experiências, esquecendo, como diz Galeano, que *o melhor do mundo está na diversidade de mundos que o mundo contém*.

De acordo com Carrano (2000, p.10), seria errôneo pressupor a existência de uma única cultura juvenil na escola que não fosse também originária de uma cultura do entorno, no caso, a cultura da cidade. Os jovens que ouvi se interessam pela literatura inglesa e francesa, por teatro, pela cultura gaúcha através da dança, pelos movimentos musicais, pelas guerras mundiais. Porém, eles foram buscar estes assuntos em atividades paralelas à escola. Assim, “o que se evidencia nas práticas culturais da juventude nas cidades é que o corpo expressa uma síntese de práticas, estilos e atitudes compartilhadas no interior dos grupos de identidades. (CARRANO, 2000, p.14).

Baseado nas falas dos jovens e na leitura de textos sobre o que os jovens pensam e esperam da escola é que proponho uma forma diferenciada de abordar os conteúdos de História, ou seja, desenvolvi um projeto promovendo o encontro da cultura juvenil com a arte, a música e a dança dentro dos movimentos Hip-Hop e do rock, fazendo as ligações com o contexto histórico.

Rabello (citada por Carrano, 2003, p.73) diz que “é necessário um novo projeto de escola para jovens que permita um diálogo mais complexo entre os saberes científicos do universo escolar e o conhecimento e a cultura dos estudantes”. É nesta perspectiva que ousei executar uma proposta que valorizando o conhecimento dos jovens, criando assim uma ponte para o conhecimento científico.

Seffner (2003), coloca que precisamos pensar sobre nossa concepção do que é História, pois a História, como área de conhecimento das ciências humanas, acolhe múltiplas narrativas e leituras do passado. Assim, precisamos repensar a nossa prática em relação aos conhecimentos escolares e romper com aulas tradicionais. Se a História é construção narrativa, interpretação do passado a partir das questões que nos colocamos no presente, a aprendizagem na escola precisa estar atenta aos modos de produção de leituras do passado

e de construção de argumentos que explicitem uma narrativa coerente, plausível, situada no tempo e no espaço.

### **Itinerários possíveis**

Quando comecei a ler autores que defendem uma nova forma de trabalhar a História com os jovens, aliando o conhecimento escolar à cultura juvenil, para que a aprendizagem fosse mais significativa, me senti tentada a enfrentar o desafio. Ao mesmo tempo, me fazia perguntas: Será possível trabalhar em tão pouco tempo o conteúdo de História e ainda a cultura juvenil? Quais dificuldades terei que enfrentar? Terei resistência da escola, do professor titular, dos alunos?

O que pude perceber durante a realização do trabalho é que tanto os professores quanto os alunos querem mudanças no ensino, mas sentem dificuldades para realizá-las. Os professores porque estão sobrecarregados em suas cargas de trabalho, os alunos porque estão desacostumados a utilizar seu potencial criativo, na escola.

Foi preciso começar. A escola e os professores acolheram muito bem a proposta de trabalho, facilitando ao máximo a execução do projeto.

Quanto aos alunos, foi um pouco mais difícil desacomodá-los. No início resistiram um pouco a forma de trabalho. Trabalhamos com relatórios, produção de textos, interpretação de músicas e textos, oficinas que reunidos formariam um dossiê com avaliação final do conjunto.

No desenvolvimento do trabalho os alunos assistiram apresentações de um grupo de dança de Hip-Hop, da comunidade local, e a uma palestra de um jovem, que abordou a música (rap e rock) e a arte como movimentos de contra-cultura. A maioria dos alunos demonstrou preferência pelo Hip-Hop e o trabalho foi realizado privilegiando os elementos do movimento, principalmente a música, a dança e o grafite, relacionadas sempre ao contexto histórico, fazendo analogias presente/passado.

Inicialmente, não consegui criar muitas expectativas na turma, que já estava rotulada pelos professores como desinteressada e apática; que conversa muito e rende pouco. Pensei que não iria conseguir. Muitos dos jovens afirmaram, também, que não gostavam da disciplina de História, pois não interessava conhecer o passado, já que eles queriam era viver o presente e que não entendiam porque deveriam saber sobre as guerras, se eles querem é a paz.

Contudo o desenvolvimento do projeto veio provar o contrário. Os alunos passaram a se interessar pelas aulas.

O projeto Ensinando História através da Cultura Juvenil foi uma experiência ímpar para mim. Tive novas aprendizagens, algumas frustrações e muitas alegrias.

## **Compartilhando reflexões que não são finais**

A realização deste trabalho, mesmo que não tenham se concretizado algumas ações, como a oficina de grafite, mostrou-me que o ensino por projetos é uma saída para fugir das mesmices do nosso ensino. Os alunos acabam se envolvendo e como foi possível detectar nos relatos deles, o tempo acaba sendo pouco para tantas coisas importantes que surgem durante a execução do projeto e que gostaria de fazer. Os próprios alunos acabaram por criticar a carga horária de dois períodos semanais e ainda, divididos em dois dias da semana. É, realmente muito difícil trabalhar com último período que acaba mais cedo para aqueles que dependem do transporte, ou o último que começa mais tarde, porque os alunos se atrasam.

Tivemos muitas coisas boas acontecendo e cheguei a conclusão que vale a pena realizar um trabalho que leve mais em consideração aquilo que os jovens querem e conhecendo um pouco mais sobre o que os jovens pensam e vêem; procurar usar como forma de atraí-los para o conhecimento da História, ou de qualquer outra disciplina do currículo escolar.

Os depoimentos dos alunos ao final do projeto confirmam a necessidade de nós professores investirmos mais num trabalho que contemple mais o mundo dos jovens. Partir da vivência deles torna o conhecimento mais significativo.

Este trabalho mostrou que é possível ampliar o diálogo entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens”. Muitos foram os desafios e dificuldades, mas a semente foi lançada.

De tudo, uma certeza ficou: este é um caminho possível. Este trabalho me instigou a querer estudar mais e a fazer mais. Com certeza este foi apenas o início de uma mudança na educação dos jovens, que eu desejo continuar a pesquisar, a experimentar, a divulgar que vale a pena. Não estamos perdendo tempo e nem deixando as listas de conteúdos para trás. Estamos é ganhando nosso aluno, fazendo com que ele compreenda que a História deve ultrapassar o conteudismo que certifica, para criar verdadeiros cidadãos, agentes da História.

## **Referências**

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Texto: Identidades juvenis e escola**. Alfabetização e Cidadania, nº 10, Novembro de 2000.

SEFFNER, Fernando; STEPHANOU, Maria. **De novo a mesma história? O que aprender nas aulas de História? Perguntas que não querem calar...** Texto apresentado no programa de formação continuada 2003, SMEC de Gravataí.

CARRANO, Paulo e PEREGRINO, Mônica. Jovens e Escola: compartilhando territórios e sentidos de presença, In: EM QUESTÃO 1: **A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões**, SP: Ação Educativa, 2003.